



O PAPEL DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ESTUDANTES NEGROS

THE ROLE OF ANTI-RACIST PEDAGOGY IN THE CONSTRUCTION OF BLACK STUDENTS' IDENTITIES

Taisa Silva Pereira¹

RESUMO

O presente trabalho teve como propósito discutir como a pedagogia antirracista pode contribuir para a construção identitária dos alunos do primeiro ano na escola de nome fictício Orquídea, compreender os conceitos de racismo, racismo escolar e de identidade, identificar a importância das discussões étnico-raciais na prática pedagógica e analisar a representação que os estudantes fazem de si mesmo a partir da discussão das diferenças étnico-raciais. Para isso, buscou-se, primeiramente, referencial teórico para entender os aspectos históricos e a materialização do racismo no país, depois foram discutidos os conceitos de identidade na perspectiva do currículo e da formação docente. Para embasar a discussão étnica na pesquisa, foi realizado o projeto colaborativo “Quem sou eu: Em cores e texturas” em uma turma de primeiro ano de uma Escola da cidade de Mata de São João. Como metodologia de pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa, já a coleta de dados foi feita através de observações, entrevista com a professora regente da turma e um projeto colaborativo, que forneceu informações importantes para discutir a relevância da pedagogia antirracista em sala de aula. Através do presente trabalho foi possível refletir sobre a importância da utilização de recursos didáticos que abordem as questões étnico-raciais de acordo com a faixa etária dos estudantes, além do uso de recursos didáticos e obras literárias que coloquem a figura do negro como protagonista e retratem de maneira valorizada as características físicas oriundas da miscigenação.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia Antirracista. Identidade. Racismo Escolar.

ABSTRACT

The purpose of this work was to discuss how anti-racist pedagogy can contribute to the identity construction of first-year students at the school with the fictitious name Orquídea, understand the concepts of racism, school racism and identity, identify the importance of ethnic-racial discussions in pedagogical practice and analyze the representation that students make of themselves based on the discussion of ethnic-racial differences. To this end, we first sought a theoretical framework to understand the historical aspects and the materialization of racism in the country, then the concepts of identity were discussed from the perspective of the curriculum and teacher training. To support the ethnic discussion in the research, the collaborative project “Who am I: In colors and textures” was carried out in a first-year class at a school in the city of Mata de São João. As a research methodology, the qualitative approach was used, data collection was done through observations, an interview with the class teacher and a collaborative project, which provided important information to discuss the relevance of anti-racist pedagogy in the classroom. Through this work it was possible to reflect on the importance of using teaching resources that address ethnic-racial issues according to the students' age group, in addition to the use of teaching resources and literary works that place the figure of black people as the protagonist and portray in a way that values the physical characteristics arising from miscegenation.

KEYWORDS: Anti-Racist Pedagogy. Identity. School Racism.

¹ Professora da Educação Básica na Secretaria Municipal de Educação de Mata de São João/BA (Seduc). Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEDuc/Uneb). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela Faculdade São Luís. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). E-mail: taisasilva339@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Analisando como o racismo e a ausência de práticas pedagógicas que possibilitem a construção identitária de maneira protagonista foram prejudiciais em minha infância, surgiu o questionamento sobre como esse processo tem acontecido mediante o contexto do racismo escolar. Além disso, uma aula ministrada pelo professor Antônio Cosme, no âmbito da minha graduação, trouxe a reflexão sobre como a pedagogia antirracista pode fomentar essa construção.

Diante das evidentes consequências do racismo escolar para o processo de construção identitária de crianças negras, a presente pesquisa visa responder ao seguinte questionamento: Como a pedagogia antirracista pode contribuir para a construção identitária dos alunos do primeiro ano da escola Orquídea?

A escolha da turma para execução da pesquisa se deu pelo interesse da professora em participar do trabalho, devido seu conhecimento acerca da importância de trabalhar a temática étnico-racial em sala de aula. Por outro lado, o campo de pesquisa também foi selecionado devido à motivação pessoal, pois além de ter estudado na instituição durante toda infância, atualmente presto serviços como monitora educacional na mesma.

Assim, foi definido como objetivo geral: Discutir como a pedagogia antirracista pode contribuir para a construção identitária de estudantes do primeiro ano do ensino fundamental. Como objetivos específicos destacam-se, compreender os conceitos de racismo, racismo escolar e de identidade; identificar a importância das discussões étnico-raciais na prática pedagógica; analisar a representação que os estudantes fazem de si mesmos a partir da discussão das diferenças étnico-raciais.

Para fomentar a discussão referente aos aspectos históricos do racismo escolar no decorrer deste estudo, foi utilizado o referencial teórico de autores como: Almeida (2019); Cavalleiro (2001; 2005); Gomes (1996; 2005; 2010); Munanga (2003; 2005). Para a abordagem das bases legais de combate ao racismo, buscou-se as considerações de Rocha (1996) Gomes (2010). Referente as questões identitárias destacam-se os pressupostos de Gomes (2005); Cavalleiro (2005); Munanga (2003), e no que diz respeito ao currículo voltado as diferenças étnico-raciais, foram consultadas as produções de Sacristán (2000); Oliveira (2015); Passos e Pinheiro (2021). Já os principais autores que abordam a formação docente com respeito as diferenças são Silva e Rocha (2020); Paula e Guimarães (2014) Pinto, Barreiro e Silveira (2009).

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para a execução do projeto foi a pesquisa qualitativa, pois, neste tipo de abordagem é possível ter um maior entendimento acerca do significado do tema abordado, além de não se preocupar com o quantitativo, mas sim com a intensidade e imersão na situação estudada, podendo assim ter uma maior compreensão da mesma (Goldenberg, 2004).

Para a coleta de dados, foi feita uma entrevista com a professora regente da turma buscando conhecer mais sobre sua formação e prática pedagógica no que diz respeito a pedagogia antirracista. Nesse método é possível coletar imediatamente as informações desejadas, além de ter a capacidade de levantar pontos relevantes que outras técnicas não conseguiriam alcançar (Ludk; André, 1986).

Por outro lado, a entrevista também é responsável por criar um ambiente de interação e escuta que possibilita a busca por soluções para as problemáticas raciais levantadas no trabalho. Para Ludke e André (1986) a entrevista possui esse caráter interativo, pois não existe uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, promovendo um ambiente de reciprocidade e autenticidade.

A entrevista foi semiestruturada, de modo que as questões norteadoras foram predefinidas, porém ao longo da conversa, foram reorganizadas e adaptadas para o melhor entendimento do entrevistado. Esse tipo de entrevista “[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (Ludk; André, 1986, p.34).

Devido a convivência com o campo de pesquisa, a execução do projeto foi inspirada no método de pesquisa colaborativa, pois, nesse tipo de abordagem, há uma intervenção onde o pesquisador e os sujeitos da pesquisa estão integrados no processo de investigação, mudando a tendência comum de apenas descrever e analisar a prática (Ibiapina, 2008). Ou seja, o trabalho teve a intenção de intervir de maneira participativa com a problemática pesquisada.

3 IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Como campo de pesquisa foi escolhida uma turma de primeiro ano do ensino fundamental I, em uma escola municipal pertencente ao município de Mata de São João, que terá o nome fictício de Escola Orquídea para manter o anonimato da instituição. A escolha da referida escola se deu

por já ter estudado ali durante a infância e atualmente prestar serviço de monitora educacional, facilitando o acesso à escola e as questões sociais que a mesma apresenta. Outro fator importante para a definição do campo de pesquisa foi a disponibilidade da diretora da escola e da professora regente da turma, que demonstraram grande interesse no tema pesquisado.

A Escola Orquídea possui 20 anos de existência, e atualmente, atende 200 alunos no turno integral, com turmas da Educação Infantil e Ensino fundamental I e II. A instituição é composta por 18 salas organizadas em direção, secretaria, depósito, biblioteca, sala da coordenação e 13 salas de aula, todas com televisão e acesso à internet. Somado a isto, possui banheiros femininos e masculinos e banheiro para educação infantil, além de uma grande área de recreação com quadra poliesportiva e um campo de futebol.

A professora regente da turma, que receberá o nome fictício de Lis, desde que foi apresentado o tema, demonstrou muito interesse em participar da pesquisa por entender a importância do trabalho voltado para as relações étnico-raciais na sala de aula. Ela relatou não serem trabalhadas tais questões em sua formação inicial e que o assunto só passou a ser de seu conhecimento depois da formação continuada que ela mesma precisou buscar, pois as formações de professores ofertadas pelo município onde atua também não abordavam a temática étnico-racial.

A partir das respostas da professora, foi possível observar seu comprometimento no que se relaciona ao combate ao racismo escolar, através de atitudes antirracistas, como o trabalho de valorização racial. Mas, apesar de seus esforços, muitas vezes situações de conflitos raciais aparecem no cotidiano da sua sala de aula.

Ao compreender a importância do trabalho das relações étnico-raciais em sala de aula e da efetivação da lei 10.639/2003q, Lis passou a abordar a temática de maneira informal, nas várias situações propícias que surgiam no cotidiano escolar. A importância dessa conduta está exposta na visão de Munanga (2003) quando expõe que algumas situações em sala de aula são momentos pedagógicos privilegiados para o trabalho da temática racial, promovendo o entendimento acerca da riqueza da cultura e da identidade nacional.

Além disso, a professora relatou que recebia anualmente livros com histórias infantis do Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) que, em alguns casos, abordava a temática das relações étnico-raciais. Em função da turma ser composta por alunos de 5 e 6 anos, a educadora contou que opta por procurar a forma mais lúdica possível para abordar o tema, como a contação de histórias, conversas informais e rodas de discussões, a fim de alcançar os objetivos propostos

A atitude da professora é de grande relevância para a promoção da valorização das identidades negras nas crianças da turma, Oliveira (2015) relata essa importância, quando aponta que a criança negra deve se ver representada nos contos e nas histórias, a fim de que crie uma autoimagem positiva sobre si, através do apelo a sua imaginação.

Através dos relatos da professora sobre as crianças negras que faziam a escolha do lápis bege para referenciar a cor da pele, foi possível compreender que para o desenvolvimento de um trabalho antirracista que contribua para a construção de uma identidade negra protagonista, é necessário partir da história da miscigenação do povo brasileiro relacionada ao processo de colonização. De acordo com Oliveira (2015), esse tipo de abordagem, que retrata a ancestralidade se contrapõe aos estereótipos de inferioridade racial que os alunos negros são submetidos e, contribui para que esses estudantes se reconheçam na história da humanidade.

4 PROJETO QUEM SOU EU? EM CORES E TEXTURAS

O primeiro encontro com a turma se iniciou questionando se os alunos sabiam o motivo de cada pessoa ser diferente. Diante da pergunta surgiram respostas como: “Porque, ninguém é igual”, “Por que somos diferentes”, “Porque cada um é de um jeito”, entre outras. Todas as respostas foram problematizadas, e em seguida foi exibido o vídeo “Povo Brasileiro” para aprofundar a discussão. O vídeo da Turma da Mônica inicia com a personagem principal questionando o motivo, dos seus amigos serem tão diferentes no que diz respeito a suas características físicas. O Personagem Franjinha, responde que a explicação para essas diferenças está na miscigenação do povo brasileiro, com a chegada dos diferentes povos que colonizaram o país.

Assim, a animação ilustra de forma divertida a chegada dos povos europeus e africanos ao Brasil e, como a mistura desses povos, resultou em pessoas com diferentes características. Foi chamada a atenção para as palavras desconhecidas pelos alunos, que apareceram no vídeo como: miscigenação, colonização e africanos. Então, cada termo foi escrito no quadro e explicado aos estudantes, de maneira simples e objetiva.

Depois do vídeo, para a imagem dos indígenas, africanos e europeus, não ficar marcada no imaginário das crianças como personagens fictícios, foram apresentadas fotos reais desses povos, livres de estereótipos.

Durante a reprodução das imagens, uma das crianças disse que a pessoa mais bonita que apareceu foi uma menina africana. Ao questionar o motivo da sua opinião, a mesma informou que era por causa da roupa colorida que a menina usava. A escolha da foto, que mostrava uma menina africana com belas roupas e um turbante na cabeça, leva a entender que a falta dos estigmas de pobreza e tristeza, que são atribuídos aos povos africanos, deram espaço para a percepção da beleza dos mesmos. No segundo encontro, foi reproduzido o vídeo clip da música “Normal é ser diferente” do canal infantil “Grandes Pequeninos”, que normaliza as diferenças de forma poética e descontraída. A referida música possui um trecho que aborda a existência de amigos de toda raça, de toda cor e de toda crença. As palavras em destaque, também foram escritas no quadro com a explicação dos seus significados.

Ainda neste encontro, foi proposta a confecção de um autorretrato, no qual os alunos foram convidados a representar suas características, através do desenho, estavam presentes 15 estudantes e durante a pintura do autorretrato, foi possível perceber que a maioria dos negros se representava usando cores diversas, como bege, laranja e vermelho. Apesar de haver a preocupação em disponibilizar o máximo possível de lápis marrons e pretos, sete se representaram usando cores escuras, enquanto oito não quiseram utilizar essas tonalidades para referenciar suas cores.

Ao questionar se aquele lápis realmente retratava sua cor, alguns estudantes responderam que embora não representasse aquela era mais bonita. Apesar do questionamento, os alunos tiveram liberdade em escolher as cores para pintar seus desenhos, pois o objetivo era conhecer a percepção deles.

Durante a confecção do autorretrato, na escolha dos lápis de cor, uma aluna destacou que sua pele era a mistura da cor bege com o marrom, e a explicação para isso seria porque sua mãe tinha a pele negra e seu pai teria uma tonalidade mais clara. A menina misturou as duas cores simultaneamente para representar a cor de sua pele. A consideração trazida pela estudante evidencia que a mesma possui entendimento acerca da sua herança genética, e que em algum momento de sua vida, essa temática pode ter sido apresentada a ela. O pressuposto trazido pela estudante pode ser considerado como ponto inicial para a abordagem da Ancestralidade. Oliveira (2015) destaca a importância de trabalhar tal temática a fim de que os estudantes sejam capazes de se reconhecer na história, para construir sua identidade de maneira protagonista e valorizada.

O terceiro encontro começou com a retomada da questão inicial do projeto: Por que cada pessoa é de um jeito? As respostas se repetiram, porém, foram acrescentadas considerações como: “Por causa dos portugueses”, “por causa dos africanos” e “Por conta da miscigenação”. Todas as

respostas foram valorizadas, entretanto foi chamada a atenção para a última, onde a palavra foi destacada mais uma vez no quadro e, questionado novamente o seu significado. Os estudantes atribuíram o termo “miscigenação” à palavra “mistura”, e dessa forma foi possível avaliar o entendimento dos mesmos.

A relevância de trabalhar a colonização do Brasil trazendo a verdadeira história da chegada de outros povos ao país está exposta na BNCC quando define a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018). Ou seja, para a valorização das diferentes culturas presentes no país, se faz necessário aprender sobre como essa pluralidade teve início.

Em seguida, foi questionado o que ficou faltando para terminar a produção do autorretrato. Quando os estudantes responderam que precisavam fazer o cabelo surgiu uma nova pergunta: “Quais os tipos de cabelo que existem?”. Como já era esperado, eles responderam que existiam cabelos longos, curtos, lisos, cacheados e “cabelo duro”.

Nesse momento, ocorreu a explicação de que o termo “cabelo duro” é inapropriado e expressa preconceito. Assim, foi usado o exemplo do chão e da parede, que são sólidos e questionado se os alunos já haviam visto algum tipo de cabelo com aquela textura. A turma respondeu de forma unânime que nunca viram, e a mesma menina que usou a mistura de duas cores para se representar no autorretrato, acrescentou que seu cabelo não era “duro”, mas sim, crespo.

Mais uma vez, a estudante demonstrou que entende o seu pertencimento racial e que, em algum momento de sua vida, a mesma pode ter sido preparada para possíveis situações de racismo. Gomes (2005) discorre que o preconceito racial é uma ação resultante da aversão as características de um pertencimento racial, como a cor da pele ou a textura dos cabelos.

Na aula seguinte, foi feita a leitura coletiva do livro “Meu crespo é de rainha”, obra literária da autora Bell Hooks, que traz as características do cabelo crespo de maneira elogiosa e poética, com ilustrações de Chris Raschka, que possibilitam observar a beleza e versatilidade do mesmo. Nesse momento, foi possível observar que algumas crianças, em especial as meninas, sorriam com as frases de enaltecimento presentes no enredo, como: “Macio como algodão”, “Cabelo lindo e de cheiro doce”, “Cheio de chamego e de aconchego” “Cabelo tão sedoso tão gostoso de brincar”, “Menininha você é uma gracinha, nosso crespo é de rainha”. O pequeno livro possui uma mensagem impactante de enaltecimento e valorização do cabelo afro, fomentando, ainda mais, o trabalho de construção identitária negra de maneira protagonista.

Logo depois, a turma foi convidada a concluir a produção do autorretrato. Dessa vez, foram dispostos na mesa da professora, pedaços de feltro preto e marrom, fios de lã e E.V.A em formato de tranças, cachinhos e coques, para que os estudantes pudessem ter acesso aos materiais que melhor representassem as características de seus cabelos. Durante a produção, os alunos eram chamados um a um para ir à frente escolher o material que desejavam usar, e neste momento foi possível ouvir comentários como: “Vou pegar esse porque meu cabelo é crespo”, “Pro, meu cabelo é crespo, qual eu escolho?”. As considerações observadas foram capazes de demonstrar que a leitura do livro contribuiu para construir uma visão valorizada do cabelo crespo.

Para a culminância do projeto, a turma foi convidada a construir um cartaz contendo imagens de pessoas que respondesse à pergunta: “Quem sou eu?” Ou seja, imagens que representassem as características deles que foram abordadas durante o trabalho, como a cor da pele, cor dos olhos, o cabelo etc. Foram disponibilizados aos alunos, revistas e livros para que eles selecionassem as imagens.

Na elaboração do cartaz, foram disponibilizados alguns pedaços de papel e foi solicitado que os estudantes relembassem as palavras que foram aprendidas ao longo do projeto para a transcrição no cartaz. Alguns deles ainda possuíam dificuldade para escrever as palavras sozinhos, por isso, tiveram o auxílio necessário. Os alunos colaram a imagem que encontraram e depois foram convidados a escrever as palavras que recordaram junto com a turma. Assim, o trabalho foi desenvolvido de maneira que todos participassem e retomassem os conteúdos aprendidos desde o primeiro encontro.

Com o cartaz finalizado, foi à vez de despedir-se das crianças e, como forma de agradecimento, presenteá-las com chaveiros de bonecos e bonecas confeccionados com as características que eles representaram no autorretrato, como cabelo, cor da pele e penteados. As lembrancinhas foram dispostas no chão, junto ao cartaz e, ao lado, foram colocados os desenhos das crianças. Cada um pegou o seu autorretrato, que estava assinado com seus nomes e escolheu seu chaveiro.

Houve o cuidado de confeccionar cada boneco e boneca com os traços mais próximos de cada estudante, a fim de que, no momento da escolha, eles pudessem se reconhecer de forma assertiva e lúdica, por se tratar de um brinquedo. De fato, foi possível observar o prazer das crianças em encontrar um brinquedo com suas particularidades. Apesar de a escolha ser feita de maneira individual, foi possível observar que os demais colegas ajudavam na seleção citando as semelhanças das crianças com os bonecos.

O encontro foi encerrado com a socialização das crianças a respeito de todas as ações desenvolvidas no projeto, contando com a participação da professora Lis e da diretora. As docentes permaneceram na turma acolhendo os relatos dos estudantes sobre o projeto e observando o que foi produzido. A professora também ajudou cada criança a colocar o chaveiro na mochila, deixando-o a mostra para os demais.

5 RESULTADOS

Diante dos dados coletados, é possível afirmar que trabalhar a temática étnico-racial em sala de aula, contribui de maneira significativa para o processo de construção identitária dos alunos, além de fomentar o combate ao racismo escolar, pois as identidades dos estudantes são formadas a partir de uma concepção social, cultural e histórica.

Nesse sentido, foi evidenciada a importância de ensinar a verdadeira história da miscigenação do país, que tem uma herança escravocrata, sequestrando pessoas negras oriundas do continente africano e trazendo para o Brasil, desumanizando-os. Aqui, eles sofreram todos os tipos de degradações e violações de seus direitos enquanto seres humanos, mas ainda assim escreveram uma história de resistência. É dever da escola mostrar esta história de luta, resistência e protagonismo, desvelando heróis e heroínas negros e negras que muito lutaram para que essa população sobrevivesse em meio as atrocidades.

Mostrar às crianças que o país possui uma outra história que muitas vezes não é contada nos livros contribui para que elas reconheçam as contribuições dos povos negros e indígenas na formação da população e da cultura brasileira. Problematicar a forma como se deu o processo de miscigenação e desconstruir o mito da democracia racial também é uma maneira de apresentar os povos africanos e indígenas como principais protagonistas, questionando o racismo oriundo desde esta época e que até hoje estrutura a sociedade brasileira. Sendo possível fazer com que eles se reconheçam, e vejam suas semelhanças físicas e culturais representadas na história do seu povo, que lutou, existiu e resistiu.

Através da entrevista com a docente da turma, constatou-se que a formação continuada de professores é de suma importância para aprimorar a prática pedagógica antirracista, inclusive, no que diz respeito ao cumprimento da lei 10639/03, uma vez que a mesma não teve conhecimento sobre a relevância do tema, em sua formação inicial.

Ainda nesse sentido, também se observou na execução do projeto que apesar dos esforços da professora para abordar a temática das diferenças étnicas de maneira lúdica e valorizada, alguns estudantes apresentaram dificuldade em identificar e aceitar a cor da sua pele, sendo necessário continuar com a discussão sobre as questões étnico-raciais, no sentido de superar preconceitos e construir uma identidade legitimadora.

Com o projeto desenvolvido ficou evidente que havia estudantes que não se reconheciam como negros e não se retrataram usando os lápis de cor escura, alegando que as outras cores eram mais bonitas.

Entretanto, após ser trabalhado o livro “Meu crespo é de rainha”, que fala sobre os cabelos crespos de maneira poética e elogiosa, concluiu-se que a abordagem das diferenças étnicas precisa ser de forma lúdica para atender a faixa etária das crianças, além de colocar a figura do negro em evidência. A atitude de presentear os alunos com chaveiros de bonecos que apresentavam as características físicas deles contribuiu para a percepção dessa relevância.

Certamente, o papel do docente como mediador do processo de construção de uma identidade negra valorizada, é fundamental no contexto da sala de aula. Mas foi possível observar durante a elaboração do autorretrato a importância da colaboração do grupo no fomento do sentimento de pertença à identidade negra, seja validando semelhanças ou pontuando diferenças.

Através da produção do autorretrato, analisou-se que apesar da maioria dos estudantes se retratar com cores claras, logo após, no momento de receber os chaveiros de bonecos, a escolha era mais assertiva, provavelmente devido ao caráter lúdico da proposta de representação e em função da utilização do livro “Meu Crespo é de Rainha” que apresenta a personagem negra como protagonista.

Constatou-se através do uso da obra literária, que o trabalho com recursos didáticos que abordem as questões étnico-raciais, de acordo com a faixa etária de cada grupo, é um potencializador importante no combate ao racismo e conseqüentemente no fomento à pedagogia antirracista. Ou seja, a linguagem e as ilustrações presentes no livro, foram apropriadas para a idade dos estudantes, tornando a aprendizagem mais significativa e lúdica. Da mesma forma, o chaveiro de boneco com as características das crianças contribuiu para fomentar a cultura antirracista a partir de um novo viés, que é o da valorização das características físicas através da ludicidade.

Contudo, foi possível observar a importância de tematizar as diferenças étnicas a partir do uso de recursos específicos, como brinquedos que tragam as características das crianças negras de

maneira valorizada e enaltecida, assim como a realização de atividades que trabalhem com a autoimagem, valorizando e identificando características físicas oriundas da negritude.

Certamente, o projeto desenvolvido na turma ficou marcado no imaginário das crianças por se tratar de uma metodologia dinâmica com propostas lúdicas. Além disso, os bonecos que os alunos levaram para casa contribuíram ainda mais para que a temática das diferenças étnicas ultrapassasse os limites da sala de aula e fosse citada por eles quando questionados sobre o presente em outros espaços.

Entretanto, é evidente que a educação se constrói nos mais diversos espaços que as crianças se fazem presentes, por isso as práticas antirracistas e de construção de uma identidade negra valorizada e protagonista, não devem se restringir apenas aos espaços escolares, mas necessitam ser um compromisso dos agentes da educação, dos pais e de todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen- 2019.
- BRASIL. **Lei na 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 2003. Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e Anti-racismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro; Summus, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa 8ªed. qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos E Conceitos Presentes No Debate Sobre. Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão. História. Coleção para Todos**. Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- GOMES, Nilma, L. e Anete Abramowicz. **Educação e raça - Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo Autêntica, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **"Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade"**. Cadernos Pagu: raça e gênero, Campinas: Unicamp, 1996.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre a Diversidade e a Identidade Negra no Brasil**. In: MINISTÉRIO, da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Diversidade na Educação: reflexões e experiências**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mar que banha a Ilha de Goré**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2015.

PASSOS, M. C. A. dos; PINHEIRO, B. C. S. Do epistemicídio à insurgência: o currículo decolonial da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa (2018-2020). **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 118-135, 2021.

PAULA, Benjamin Xavier de; GUIMARÃES, Selva. 10 anos da lei federal no 10.639/2003 e a formação de professores: uma leitura de pesquisas científicas. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 2, pp. 435-448, 2014.

PINTO, BARREIRO E SILVEIRA. **Formação continuada de professores: ampliando a compreensão acerca deste conceito**. Revista Thema, [S. l.], v. 7, n. 1, 2009.

ROCHA, C. L. A. Ação afirmativa: o conteúdo democrático do princípio da igualdade jurídica. **Revista Trimestral de Direito Público**, São Paulo, n.15, 1996.

SACRISTÁN, G., J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Andressa Queiroz da; ROCHA, Flávia Rodrigues Lima da. Formações de professores e a lei 10.639/03: Por uma descolonização do (s) saber (es) na escola. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, Rio Branco, v. 3, n. 1 p. 02-20, ago/jan 2020.

Enviado em: 21/06/2023

Aceito em: 02/09/2024